

O TRABALHO DE RUTH FIRST NO CENTRO DE ESTUDOS AFRICANOS

O CURSO DE DESENVOLVIMENTO

Por

Aquino de Bragança e
Bridget O'Laughlin

Em Março de 1976, Ruth First escreveu para Aquino de Bragança, em Maputo: "Para além da revolução, trabalhar ensinando é coisa medíocre." Ela estava, nessa altura, ensinando Sociologia na Universidade de Durhan e recordava a visita que fizera a Moçambique, por altura da Independência.

Ruth First e Aquino de Bragança haviam-se conhecido através do seu trabalho como escritores militantes, cada um deles profundamente envolvido na luta pela libertação em África.

Aquino de Bragança vivia no Norte de África, trabalhando como jornalista e fazendo trabalhos pontuais para os movimentos de libertação das colónias portuguesas em África. Ruth First vivia no exílio político em Londres, desde a sua saída da cadeia, na África do Sul. Ela escrevia e leccionava sobre lutas progressistas em África e trabalhava para o Congresso Nacional Africano.

Ruth e Aquino tinham amigos comuns nos movimentos de libertação de África – Marcelino dos Santos, Pio Pinto, Ben Barka – e colaboravam em reportagens sobre as lutas anti-imperialistas e análise das potências imperialistas. Estavam ambos comprometidos numa das tarefas mais difíceis dos movimentos de libertação: apenas conseguir a história, não distorcida, nos meios de comunicação. Como editor do *Afrique-Asie*, Aquino tinha acesso a um fórum onde as vozes da FRELIMO, PAIGC, MPLA e do ANC – vozes não ouvidas na imprensa burguesa – podiam falar. Ruth contribuía com frequência para o *Afrique-Asie*.

Com a Independência, Aquino de Bragança regressa a Moçambique. Recordando-se da importância do Centro de Estudos Africanos (CEA) em Lisboa, como o centro de desenvolvimento do pensamento nacionalista nas colónias portuguesas, durante os anos de 1940 a 1950, a direcção da FRELIMO quis que o CEA voltasse a existir novamente, agora dentro de Moçambique independente e com uma nova visão sobre a libertação da África Austral. O CEA nasce dentro da Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo, e Aquino de Bragança é nomeado seu primeiro director. Quando ele responde à carta de Ruth First em 1976, Aquino fala do trabalho que estava a levar a efeito, com um grupo de doze jovens graduados em História, para a organização do CEA. Nessa altura, planeavam fazer investigação no subsistema da África Austral, com ênfase na História e na Economia moçambicana.

Sabendo que Ruth First seria a pessoa ideal para organizar a investigação sobre o subsistema na África Austral, e que ela própria queria regressar à linha da frente da revolução, Aquino sugeria que talvez ela se convencesse a regressar à África Austral para viver e trabalhar em Moçambique. Ela veio inicialmente em 1977, para dirigir um estudo sobre os mineiros moçambicanos na África do Sul, deixando definitivamente Durhan em 1978, para se tornar vice-directora e directora de investigação no Centro de Estudos Africanos.

As homenagens por parte dos seus estudantes em Durhan tornam bem claro que o ensino dado por Ruth nunca foi "coisa medíocre", mas em Moçambique as coisas que ela executou tão bem – investigação, ensino, debate – assumiram uma força mais directamente revolucionária. A discussão sobre a investigação que ela dirigiu não se confinava aos corredores académicos; levantava questões de importância imediata na consolidação da Revolução Moçambicana. Como se vão gerar os fundos de acumulação para o desenvolvimento socialista de Moçambique? Como podemos arrancar-nos da dependência do capitalismo sul-africano? Como é que se traz o campesinato para dentro de um programa de desenvolvimento socialista? Os quadros por ela preparados tinham de ser trabalhadores marxistas, tomando decisões estrategicamente estudadas em cada um dos seus dias de trabalho.

O Curso de Desenvolvimento

Fora de Moçambique Ruth First era conhecida principalmente como uma militante na luta pela libertação da África do Sul mas, durante os seus anos na CEA, a África do Sul não foi nunca o cerne do seu trabalho. Antes pelo contrário, ela tomou a maior parte do seu tempo, e da sua energia intelectual e emocional, num curso experimental para quadros moçambicanos: o Curso de Desenvolvimento. O Curso era uma inovação no que se refere aos seus objectivos – ensinar investigação investigando – e nos seus métodos e conteúdo. Era também extremamente produtivo no que se refere aos resultados de investigação. Escolhemos centrar esta visão retrospectiva do trabalho de Ruth First no CEA, no Curso de Desenvolvimento, porque foi como directora do Curso de Desenvolvimento que ela organizou, na prática do CEA, uma concepção original revolucionária do ensino universitário.

O cerne do Curso de Desenvolvimento era o processo da socialização da produção em Moçambique. Desde o começo era uma estrutura de classe dominada pela semi-proletarização e agricultura familiar, o curso dava particular atenção aos problemas de construir novas formas de produção agrícola socialista, de machambas estatais e cooperativas. Os estudantes debruçaram-se sobre o desenvolvimento das lutas de libertação e a estratégia do inimigo na África Austral, precisamente porque socializar a produção significava cortar com a estrutura regional de dependência do capital sul-africano.

O Curso de Desenvolvimento era dado colectivamente, sem quaisquer fronteiras disciplinares e com a participação de todos os professores, em todas as aulas. O ponto principal na preparação do estudante era um mês de investigação no campo a meio do curso, sendo a investigação levada a efeito colectivamente por brigadas de professores e alunos. O trabalho de campo era sempre precedido por aturados debates sobre a problemática teórica da investigação – a sua linha política – seguidos por uma discussão, igualmente viva, sobre os resultados e implicações da investigação. Juntos, Ruth e Aquino trabalharam para recrutar e organizar uma equipa de professores-investigadores, capazes de manter simultaneamente a unidade da perspectiva e a tensão da contradição requerida por um tal curso organizado em termos colectivos.

Nem sempre havia clareza, fora do Centro, do que realmente era o Curso de Desenvolvimento e, em particular, a razão do empenhamento da Ruth First.

Existiam, em Moçambique, aqueles que pensavam que trabalho de campo no mato era apenas um escape para um infatua-mento romântico com o campesinato, uma ligação sentimental e populista com o atraso. "Amantes-dos-camponeses", dizia-se. No caso de Ruth, isto era um pouco irónico pois, de facto, ela sempre disse que o mato lhe dava uma dor de cabeça permanente. Caminhar grandes distâncias, de um acampamento para o outro, tentando decifrar os livros de contabilidade de uma cooperativa, só foi possível, pela importância que ela dava à transformação da produção dos camponês.

Entre os camaradas no movimento de libertação, também havia alguma perplexidade quanto ao significado do trabalho de Ruth em Moçambique. Estranhavam o seu profundo interesse e opiniões firmes sobre questões tais como a política da mecanização agrícola em Moçambique. Eles pensavam que ela se afastava da luta pela África do Sul.

No entanto, Ruth First, ela própria, considerava este período no CEA como tendo sido um dos mais produtivos e *militantes* da sua vida, precisamente porque a luta política estava directamente integrada no seu dia a dia de ensino, de investigação e de escrita. Ela considerava a sua contribuição para a consolidação da Revolução Moçambicana, como sendo um envolvimento directo na libertação da África do Sul. Isto era possível porque ela tinha uma clara visão política dos seus objectivos, e uma análise crítica do contexto político no qual trabalhava. A importância do Curso de Desenvolvimento derivava para ela do facto de não ser só aquilo que era em si, mas também de onde estava localizado no tempo e espaço – no Moçambique revolucionário, durante um período de conjuntura revolucionária na África Austral.

O Curso de Desenvolvimento alterou-se de ano para ano, enquanto que fazíamos experiências, não só com o conteúdo, mas também, com formas de organização. Havia, no entanto, quatro princípios comuns que sempre guiaram a orientação dada ao curso por Ruth, e que são, de facto, as pedras-chave na continuação do trabalho do CEA. Em vez de tentarmos dar um inventário total ou cronológico do trabalho de Ruth no Curso de Desenvolvimento, apenas descreveremos como estes quatro princípios foram, na prática, organizados.

1. Implementar a estratégia revolucionária é uma questão de *método* - utilizando o método Marxista, para investigar e analisar as situações concretas, e em constante mutação, que a revolução enfrenta e dirige.

Os objectivos do Curso de Desenvolvimento eram definidos pela importância que Ruth atribuía à análise científica no trabalho revolucionário. Havia os que pensavam que Ruth era demasiado crítica, dura, até derrotista, na maneira como dirigia a investigação. De facto, esta dureza reflectia a grande confiança que ela tinha no Marxismo, confiança essa ganha ao longo de muitos anos de vivência revolucionária. Ela achava que a revolução deve, e pode, olhar de frente para os seus problemas de forma a resolvê-los. Portanto, o quadro revolucionário precisa de ser extremamente rigoroso nos seus métodos de análise.

O objectivo de ensinar teoria no Curso de Desenvolvimento, não era o de ter estudantes a decorar os conceitos básicos e as leis do Marxismo mas, sim, a ensiná-los como aplicar estes na análise dos problemas com que se confrontavam no seu trabalho - no cais, no Ministério de Agricultura, nas cooperativas, no trabalho do Partido. Isto não significava pôr de lado a grande experiência universal do Marxismo; Ruth achava esta literatura essencial em programas de ensino, precisamente porque demonstra como analisar e como aplicar a análise politicamente.

No entanto, Ruth pensava que os estudantes só teriam dominado a ciência Marxista quando soubessem como utilizá-la de forma criativa na investigação da sua própria realidade. Os estudantes moçambicanos devem ser capazes de utilizar os conceitos de classe, numa análise da estrutura de classe da sociedade moçambicana, antes que possam dizer que realmente compreendem o sentido do conceito. Assim, o Curso de Desenvolvimento, exigia que cada estudante participasse num projecto de investigação colectiva que aplicava o método da análise introduzido no trabalho de curso.

Para Ruth First, o método de análise Marxista, precisamente porque é científico, tinha de ser agressivo, crítico "Ensiná-lo deve despertar os estudantes, obrigá-los a pensar." Ela explicou na conferência das Ciências Sociais na África Austral, efectuada em Maputo em Julho de 1982, de como esta perspectiva estava integrada no Curso de Desenvolvimento, e das dificuldades encontradas:

Os estudantes têm o texto antes da aula – no fim têm o que poderemos chamar, um livro; é um apanhado de notas. Não é um livro de textos porque o que estamos a tentar dizer é que nunca há um texto; tu tens que enfrentar a teoria de tal maneira que tens de aprender como ler um texto, tens de aprender como fazer uma análise textual; mas isto não quer dizer que um texto te vá dar todas as respostas. Nós estamos muito interessados em provocar. Se os estudantes não fazem perguntas, então estamos a falhar...

Outro problema que temos é como se obtém uma verdadeira participação do estudante na investigação. Como se organiza investigação de forma a que não se utilize os estudantes como mão-de-obra barata? Por outras palavras, nós preparamos os questionários e preparamos a concepção do curso, e depois temos estas 26 pessoas, e elas estão todas prontas e fazem as suas malas e vão para o mato, e só têm de preencher uns tantos questionários todos os dias. Bem, claro que é uma grande tentação pensarmos pelos outros que não o fizeram anteriormente, porque tu és capaz de pensar e de trabalhar mais depressa e estamos melhores agora porque temos um maior envolvimento total dos estudantes, na concepção actual do projecto, do que tínhamos no princípio. Mas estamos a lutar.¹

Por esta razão, Ruth resistiu a cair em estandardização no Curso de Desenvolvimento, e pressionava o seu pessoal a pensar sobre novas formas para organizar o ensino e a investigação a fim de superar estes problemas. Por exemplo, o curso foi reduzido de dois para um ano, e as aulas mais estreitamente estruturadas em redor da problemática do projecto de investigação.

Por trás desta experiência, estava a convicção de Ruth de que o trabalho intelectual científico é indispensável numa luta revolucionária, embora o intelectual profissional, talvez o seja um pouco menos. Ela própria deleitava-se na vida intelectual, adorava discussões críticas contundentes sobre um livro ou um filme, apreciava conversar sobre ideias, mas era sempre muito impaciente e entediada pela auto-tortura existencial de muitos intelectuais. O Curso de Desenvolvimento recrutava estudantes de proveniências educacionais extremamente variadas; alguns tinham frequentado apenas a escola primária, mas tinham bastante experiência de trabalho. O Curso destinava-se não a torná-los em investigadores profissionais mas, isso sim, a preparar quadros

revolucionários, encarando a investigação social como parte necessária do seu trabalho.

2. Num contexto revolucionário, a Universidade tinha assumido novas formas de preparação, que tirava vantagens da experiência dos quadros e respondia aos requisitos da vivência do dia-a-dia.

Ruth First considerava uma boa preparação teórica como sendo um elemento indispensável da prática política, precisamente porque a análise é a base para a formulação e aplicação da linha política. Mas ela também pensava que a própria prática revolucionária podia dar aos quadros a capacidade de dar grandes saltos no seu desenvolvimento teórico, utilizando a sua própria experiência de trabalho como base da sua preparação analítica. Ela reconhecia a importância da preparação especializada mas, ao mesmo tempo, pensava que uma universidade revolucionária tinha que estar constantemente preocupada com a sua abertura, com o trabalho para o Partido e para o Estado, com a sua flexibilidade em contribuir para a formação dos quadros, sem os retirar dos seus locais de trabalho.

Os estudantes do Curso do Desenvolvimento incluíam, portanto, um gestor de crédito agrícola de um banco, um planificador agrícola, o director da escola dos trabalhadores da ponte cais, comissários políticos do exército, os planificadores curriculares do Ministério da Educação. Nós tentámos organizar os horários das aulas e a distribuição dos textos, de forma a permitir que os estudantes participassem no curso sem se afastarem da verdadeira responsabilidade nos seus empregos. O projecto principal da investigação, era dirigido não só para ser uma problemática real e importante na transição socialista em Moçambique, mas também para levar os estudantes a analisar, da mesma maneira, os problemas com que se deparavam no seu trabalho do dia-a-dia.

O CEA também utilizou a experiência do Curso de Desenvolvimento a fim de participar em formas alternativas de formação fora da Universidade: seminários e cursos de curta duração para quadros do movimento cooperativo, para jornalistas, para os bancos. Textos sobre Moçambique, elaborados por outros professores, tanto dentro, como fora da Universidade.

Estes esforços na procura de novas formas relevantes de ensino, não tiveram invariavelmente sucesso. Ruth First levantou algumas das questões que o curso enfrentou, ao que

recrutamento convencional universitário, na conferência de Ciências Sociais:

O tipo de questões a que me refiro, por exemplo, são os problemas de como ensinamos os estudantes que têm diferentes trajectórias educacionais, que vêm de um largo leque de estruturas: universidade, ministério, organizações de massas e outras. E eu penso que embora talvez tenhamos que admitir que começamos tudo isto, com uma grande dose de lirismo, dizendo que é importante rebentar barreiras educacionais e o monopólio elitista, nós vamos levar avante, pela força da nossa vontade, o ensino, embora tenhamos que admitir que existem problemas. Eu penso que ainda não os resolvemos. Nós lembramos, tal como penso que já foi dito pelo Aquino, que alguns dos nossos melhores estudantes não são estudantes que tinham mais qualificações, de que esse não é o critério, que a entrega ao trabalho é muito importante, que a formação e experiência política é extremamente importante, porque perceber a relevância das questões, saber que tens que resolver um problema e que tens de descobrir como fazê-lo. Isto, por sua vez, prepara o estudante a aprender. Eu não estou agora a dizer que está resolvido. Nós batalhamos por isso.

3. A luta para construir o socialismo é uma luta para transformar a organização da produção.

Embora os estudantes do Curso de Desenvolvimento fossem recrutados de muitos sectores diferentes, o cerne do projecto de investigação era invariável: a transformação socialista da produção. Isto porque Ruth First pensava que para que os estudantes fossem capazes de analisar as situações concretas com que se defrontavam nos seus empregos, eles tinham que pensar em termos estratégicos. Eles tinham que saber e compreender para o que é que lutavam – a transformação radical da organização da produção através do desenvolvimento socialista – e contra o que é que lutavam – a estrutura do subdesenvolvimento, moldada pelo capitalismo colonial. Eles precisavam de compreender a diferença entre socialistas detendo o poder do estado e a utilização de tal poder para socializar a base económica da sociedade.

Quando os estudantes do Curso de Desenvolvimento, foram à província da Zambézia, para estudar as plantações de chá, por exemplo, eles viram a agricultura familiar mas também as próprias plantações. Eles viram como o sistema colonial de recru-

tamento de mão-de-obra barata, para se tornar rentável, tinha permitido um sistema de monocultura com grandes necessidades laborais sazonais; dado que a rentabilidade se baseava no atraso da produção familiar nas reservas de mão-de-obra, a socialização da produção no sector do chá, significava quebrar a ligação estrutural com a semi-proletarização.

Um modelo similar de semi-proletarização era subjacente à organização do processo de trabalho, sobre o qual os estudantes haviam feito investigação no porto de Maputo. O sistema colonial manobrava a actividade irregular do tráfico do cais, mantendo grande quantidade de mão-de-obra barata, explorando-a intensamente nos períodos de ponta. Trabalhadores sob contrato, eram trazidos da província de Inhambane, separados das suas famílias, alojados em dormitórios, e postos a trabalhar à tarefa. Agora, o problema era como construir uma organização alternativa do trabalho do porto, com base numa classe trabalhadora disciplinada, permanente, consciente e bem paga.

O Curso de Desenvolvimento observava os interesses de classe que evoluíram da estrutura da produção do capitalismo colonial e que não desapareceram simplesmente, com a fuga dos colonos portugueses, na altura da Independência. Em Angónia, numa área agrícola rica, na fronteira com o Malawi, os estudantes viram, por exemplo, que a produção dispersa do pequeno proprietário, dá origem a uma classe mercantil pequeno-burguesa, se o próprio Estado não está em posição de organizar o comércio retalhista de pequena escala.

Porque o desenvolvimento socialista em Moçambique implicava mudanças estruturais profundas na economia agrária, o Curso de Desenvolvimento punha grande ênfase na compreensão da agricultura familiar, não para a preservar ou racionalizar, mas para a transformar dentro das linhas socialistas. Nas áreas do algodão, da província de Nampula, por exemplo, os estudantes constataram que o maior nó de estrangulamento na produção familiar do algodão se dava na altura da capinagem. Assim, as cooperativas que introduziram o tractor para lavrar, sem enfrentar o problema da capinagem, não representavam grande melhoria na organização da agricultura familiar; os custos eram maiores, sem se obterem melhores resultados.

Ruth First insistiu sempre que as respostas para os problemas da transformação do sector familiar, nunca seriam

encontradas apenas na produção familiar mas, sim, na interdependência de novas formas de produção que quebrassem com velhos padrões de semi-proletarização. Este ponto foi particularmente focado na introdução a "Black Gold" ("Ouro Negro"), o livro que nasceu do estudo feito pela CEA sobre o mineiro moçambicano:

A Frelimo tem-se empenhado repetidamente em acabar com a mão-de-obra migratória, assim como pela integração, dentro duma economia, transformada e auto centrada, daquele sector da classe trabalhadora moçambicana que tem sido explorada pelo capitalismo sul-africano e cujas capacidades têm sido drenadas de Moçambique. Mas, se um processo económico tão velho, tão enraizado e difundido como a exploração de mão-de-obra mineira é desmontado, então devem ser analisadas todas as suas implicações. Não pode ser combatido apenas ao nível ideológico, através de um apelo ao compromisso político do imigrante. Isto seria rejeitar o sistema de mão-de-obra migratória como um acto da vontade de um grupo de trabalhadores migratórios, seria falhar na essência de um sistema económico enraizado que tem promovido a economia política do campo no sul de Moçambique... Oito décadas do sistema de mão-de-obra migratória, tornou-o numa necessidade estrutural, para os produtores rurais sob o colonialismo...

Se o acabar com a exportação da mão-de-obra, e por extensão a subordinação da economia moçambicana ao capitalismo Sul-africano, é condição prévia para a criação duma base material para a construção do socialismo, a re-integração desta força de trabalho, dentro duma economia autónoma, a caminho do socialismo, poderia ter duas formas complementares. A primeira seria, a utilização da força de trabalho e das capacidades que têm adquirido no programa de industrialização de Moçambique, especialmente da indústria pesada, nos sectores de transportes de minas. A segunda, seria a re-integração no sector agrícola desta mão-de-obra anteriormente exportada. Mas claro que não poderia ser uma agricultura não alterada...

O faseamento da política agrícola de Moçambique, a peso relativo, dado o desenvolvimento das aldeias comunais com a produção em moldes cooperativos como sua base material, e ao sector de machambas estatais, estes pontos e suas decisões políticas contingentes continuam a ser formulados dentro das estruturas

políticas da Frelimo e do governo. A razão de ser deste estudo, que foi assumido ao longo de um período de dois anos após a independência de Moçambique, era a de ajudar na elaboração duma alternativa socialista, a um sistema da utilização de mão-de-obra que explorava grosseiramente a classe trabalhadora, e que desfigurava a produção agrícola nas regiões do sul do país (1983: 3-5).

De acordo com esta perspectiva do trabalho sobre os mineiros saíram mais dois estudos sobre o Sul do país pelo CEA. Ambos visam as relações entre cooperativas, machambas estatais e o sector familiar, muito dependentes do rendimento salarial; viram a transformação da produção, como elemento necessário na resolução do problema da mão-de-obra mineira migratória.

Uma vez que os projectos de investigação do Curso de Desenvolvimento eram estritamente orientados para os detalhes da produção, Ruth First teve que responder às inevitáveis acusações de economismo e reducionismo: os estudantes não estavam a participar com as lutas ideológicas que constituem uma parte necessária da construção socialista.

O Curso de Desenvolvimento começou, no entanto, com a suposição que a consciência do povo é necessariamente o produto da organização das suas vidas. Assim, não podemos abstrair a luta ideológica do seu contexto material, no nosso caso a luta para organizar novas formas de produção. O estudo levado a efeito no porto, por exemplo, focava grande parte da atenção em problemas ideológicos – a maneira como diferentes grupos de trabalhadores conceberam os problemas do trabalho diário no porto, e as formas nas quais estes conceitos se reflectiam nas suas formas de luta nas reuniões de trabalhadores.

A ênfase na produção era, portanto, para Ruth, uma questão de determinar a prioridade na ordem da análise. Num contexto revolucionário não se pode fazer simplesmente uma crítica da ideologia; o investigador tem de analisar o que vai significar transformar as condições materiais da produção, dentro da qual a consciência está enraizada. No caso do porto, por exemplo, criar uma consciência de classe comum depende da quebra de uma organização que parte do sistema colonial de recrutamento de mão-de-obra barata e que joga as diferentes categorias de trabalhadores uns contra os outros.

4. A luta pela libertação nacional na África do Sul é estrategicamente parte da luta para construir o socialismo em Moçambique.

O primeiro trabalho de Ruth First no Curso de Desenvolvimento não representou para ela um desvio de toda uma vida de trabalho como revolucionária sul-africana. Pelo contrário, ela considerou a transformação da produção na linha socialista, em Moçambique, como um passo decisivo na luta pela libertação nacional na África do Sul. Os estudantes moçambicanos, por ela preparados, representavam assim, para ela, quadros na luta contra o apartheid.

O ponto de vista dela derivava em parte da forma como o capitalismo racista sul-africano domina a economia regional, num sistema de desenvolvimento desigual. Apesar de divergências consideráveis nas orientações políticas e nas estratégias do desenvolvimento, os estados da região têm um interesse material comum na luta contra o Apartheid.

Mas a unidade entre a Frelimo e a luta pela libertação nacional na África do Sul superou, para Ruth, a da aliança regional. Isto foi porque ela viu a luta pela libertação nacional na África do Sul como, de momento, objectivamente uma luta contra o capitalismo de per se. A construção do socialismo em Moçambique, definindo uma alternativa ao sistema de capitalismo racial na organização da produção é a forma mais importante de apoio que pode ser dada a revolucionários a trabalhar dentro da África do Sul. Pelo contrário, é de esperar que a África do Sul dispare, com particular força, contra o Moçambique socialista.

Por estas razões, o contexto regional era uma fonte importante para o Curso de Desenvolvimento. Os estudantes exploravam o carácter do capitalismo racional na África do Sul e analisavam as várias posições de classe conseguidas na luta contra o mesmo. Eles observavam a base da aliança regional, em estudos de campo e na organização da SADCC. Ruth pensou que eles deviam ser capazes de analisar as posições tácticas que Moçambique tem de definir numa luta estratégica prolongada.

Esta era a perspectiva, o caminho duma saída do capitalismo desenvolvido sul-africano, trabalhada no primeiro projecto do CEA, dirigido por Ruth First, "O Mineiro Moçambicano". Na altura (1977), argumentava-se que todos os mineiros deviam ser imediata e unilateralmente retirados da África do Sul. O estudo sobre os

mineiros, pelo contrário, colocou o problema em termos estratégicos: como transformar o sistema de produção dentro de Moçambique, ele próprio, para desenvolver uma alternativa de longo termo à migração para as minas da África do Sul, quer na indústria, quer numa agricultura mais produtiva.

Semelhantes preocupações estavam subjacentes na investigação do CEA sobre o transporte na África Austral, estudo levado a efeito em colaboração com o Departamento de Economia da Universidade do Zimbabwe. A aliança regional pela SADCC está dirigida para a reorientação económica da região através do desenvolvimento de projectos bilaterais e multilaterais que surgem de interesses materiais comuns. No caso do transporte, a reorientação através do comércio do Zimbabwe, canalizado pela África do Sul, durante o período da UDI, para os portos de Moçambique, deveria ser benéfico para ambos os países. Uma vez que a reestruturação dependerá, em parte, numa maior eficiência dos portos e caminhos-de-ferro em Moçambique, os estudantes do Curso de Desenvolvimento assumiram esta parte da investigação conjunta. Ruth achava que a colaboração na investigação na África Austral, e a partilha de informações nasceria desses trabalhos conjuntos, reflectidos os interesses compartilhados numa luta comum e prolongada.

Respondendo à África do Sul

Ruth First não se amedrontava pela perspectiva duma luta prolongada. Ela analisava constantemente as contradições, seleccionando o principal do secundário. Ela punha toda a sua energia em áreas onde era possível avançar, forçando a contradição; ela trabalhava para manter alianças em áreas onde a unidade era mais importante do que as diferenças.

Este gosto pela luta e a sua confiança nos seus resultados eram comunicados, por Ruth First, àqueles com quem ela trabalhava e que trazia para a organização do trabalho no CEA. Quando a nossa maneira de trabalhar começava a estagnar, quando nós já não entrávamos consistentemente em contradição com a nossa própria prática, ela obrigava-nos a reagir, a criticar, a avançar. Ela achava normal que tivesse havido um desenvolvimento muito rápido durante

esta fase da Revolução Moçambicana, e ela queria que o CEA fosse capaz de responder organizando novas formas de tornar o seu trabalho mais útil à Frelimo. Ela ansiava pelo 4º Congresso da Frelimo, esperançada de que entrássemos numa fase nova, e, provavelmente, mais clara da luta. Ela queria tempo para reflectir sobre qual o papel que o ensino e a investigação no CEA deveria assumir neste novo período.

O assassinato de Ruth First pelo regime sul africano foi um golpe contra Moçambique e contra o movimento de libertação na África do Sul, que ainda hoje sentimos quase a todo o momento.

Mas Ruth deixou-nos um mandato para repensar e criticar o nosso trabalho: a organização do CEA, as linhas mestras da investigação, a nossa maneira de ensinar. Sem ela o CEA não pôde voltar a ser o que era, mas ela já nos tinha dito que devíamos mudar e seguir em frente. E ela deixou-nos com uma segura base material, a partir da qual começar: uma organização inovadora do trabalho colectivo, baseado na unidade da linha política; métodos de ensino acessíveis aos estudantes-trabalhadores; métodos de formação-investigação baseados na investigação, nas questões imediatas e importantes da transição socialista; escritos sobre Moçambique e África Austral que não eram só o resultado dos cursos de desenvolvimento efectuados como material de ensino para novos cursos; e os quadros moçambicanos preparados por Ruth, para analisar e proceder estrategicamente, na luta pela libertação socialista na África Austral.

Referências: First, Ruth (1983). Black Gold. Sussex: Harvester

Notas:

- (1) O CEA agradece a Michael Wolfers e à Rádio Moçambique, pela transcrição dos comentários de Ruth First na Conferência de Ciências Sociais na África Austral, em Maputo, Julho de 1982.